



JOGO DE IDENTIDADES ENTRE JOVENS NEGROS NO RIO DE JANEIRO: a construção da identidade racial no contexto de iniciativas de combate à discriminação

Ilana Strozenberg¹ & Marcia Contins²

Duas novidades, no campo da educação e da cultura, vieram ampliar o universo de alternativas dos jovens negros de camadas economicamente desfavorecidas do Rio de Janeiro nos últimos anos. Por um lado, medidas associadas a propostas de ação afirmativa, entre as quais se destacam a criação do Pré - Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) e a implementação da política de cotas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ-, aumentaram as suas chances de ingresso no ensino superior. Por outro lado, o surgimento de diversos projetos artístico-sociais voltados para populações social e economicamente marginalizadas – são, na sua grande maioria, sediados em favelas – passaram a lhes oferecer oportunidades de acesso à produção e ao consumo de cultura.

Ao apresentarem novas possibilidades de inserção social, expandido o contexto de interações e as redes de comunicação desses jovens, essas iniciativas modificam também, necessariamente, os elementos do contexto simbólico no qual esses jovens elaboram seus projetos e constroem suas identidades.

Conforme afirma Gilberto Velho, a “noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para se pensar em projeto” (1981: 26). Esses projetos, no entanto, não brotam ou são definidos a partir de uma consciência individual desvinculada de um contexto coletivo. Pelo contrário, estão

¹ Ilana Strozenberg é professora da UFRJ.

² Marcia Contins é professora da UERJ.

sempre necessariamente situados no interior de um “campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente” (idem: 27), cujos códigos e hierarquias os sujeitos apreendem, num processo de socialização contínuo. Assim, as identidades dos jovens são construídas a partir de escolhas conscientes realizadas entre alternativas que lhes são apresentadas através das relações que estabelecem com universos sociais e culturais distintos, cujos códigos apreendem num processo contínuo de socialização.

Como estão sendo feitas essas escolhas? Como os jovens negros estão elaborando e re-elaborando sua identidade a partir de suas vivências nos diferentes contextos? São essas as indagações que pretendemos discutir a seguir, a partir da análise comparativa das concepções de identidade racial produzidas por jovens negros no Rio de Janeiro através de suas interações nos dois contextos em questão: o ingresso na universidade; e a participação em projetos culturais sediados em comunidades de favela.

Nossa interpretação tem, como pressuposto teórico, a perspectiva antropológica segundo a qual “raça” é uma noção culturalmente construída e situada num processo dinâmico de interações. Se contrapõe, portanto, às perspectivas essencialistas, que afirmam a existência de uma natureza de negritude universal e homogênea, seja como resultado de determinação biológica (em que a raça é vista como característica da espécie) ou de uma experiência histórica comum (seja esta a escravidão, a colonização, ou a diáspora).

230

Desse modo, pretendemos propor uma via interpretativa alternativa à que se centra no debate que gira em torno da dicotomia entre dois grandes modelos de interpretação - a perspectiva universalista, que privilegia os determinantes sócio-econômicos da desigualdade; e a perspectiva particularista, segundo a qual a diferença de cor determina uma forma específicas de desigualdade, demandando ações voltadas especialmente para os grupos racialmente discriminados.

Por isso a opção de pesquisa foi abrir mão das explicações a-priori – centradas no privilégio da variável econômica ou racial da definição de identidade - e ouvir os discursos dos próprios jovens, centrando a análise no que eles têm a dizer sobre si mesmos e sobre a maneira como se entendem e entendem o seu lugar no mundo. Especificamente, nos interessava compreender quando e porque incorporam a diferença racial nas suas escolhas identitárias, quando a acionam e de que modo a articulam com outros elementos que integram na sua percepção de si mesmos como sujeitos ao mesmo tempo únicos e multifacetados.

OS JOVENS DA CIA Étnica de dança

A partir dos anos 90, uma eclosão de projetos culturais voltados para segmentos da população de baixa renda, especialmente na faixa jovem, vem marcando a cena das iniciativas de combate à desigualdade nas grandes cidades brasileiras. Apesar de muito diversos na sua origem, formas de organização e linguagem, o conjunto desses projetos parecem apresentar algumas novidades bastante significativas não apenas no que se refere à sua produção discursiva e artística, mas também em termos da invenção de novos paradigmas de representação e interpelação política.

Do ponto de vista das relações de poder, um ponto que vem sendo bastante enfatizado pelos observadores desse tipo de manifestação, é o fato de que, ao contrário do que acontecia tradicionalmente na sociedade brasileira, parece estar havendo uma mudança nas hierarquias de legitimidade. Deste ponto de vista, não apenas grande parte das lideranças desses projetos são originárias das próprias comunidades ditas marginalizadas como elas são capazes de produzir e defender seu próprio discurso enquanto sujeitos dotados de razão e interesses específicos. Pouco, no entanto, tem sido investigado no que diz respeito ao conteúdo desses discursos e seus paradigmas de representação cultural e política: em que medida efetivamente apresentam novas concepções da sociedade, das relações entre os indivíduos que a integram, das diferenças e contradições que a atravessam? Essa questão parece fundamental para avaliar em alguma medida os efeitos transformadores do “empoderamento” desses grupos no universo das relações sociais em seus múltiplos aspectos.

Um breve mapeamento das iniciativas existentes permite observar que há diferenças importantes no modo como os diferentes projetos culturais abordam a questão da diferença racial e da luta contra o racismo. Alguns, apesar do reconhecerem a existência de outras formas de discriminação social além da diferença racial, e importância de incorporar outros grupos discriminados à luta pela igualdade e cidadania, afirmam a existência de uma identidade negra específica. Desse ponto de vista, ser negro aparece como uma categoria abrangente, que incorpora e confere aspectos particulares a todas as demais dimensões da identidade, que, quaisquer que sejam, devem ser concebidas, sempre, na forma “hifenada”, como mulher-negra; homem-negro; classe média-

negro.. Em se tratando de projetos culturais, portanto, são voltados para manifestações do que consideram ser uma cultura negra - seja através da música, do teatro, da dança -, expressas, preferencialmente, através da performance de indivíduos que pertençam a essa categoria de cor. Um exemplo emblemático dessa perspectiva é a Companhia dos Comuns, cujo objetivo é definido pelo seu criador e diretor Hilton Cobra como o de “retratar a riqueza e singularidade da cultura negra na sociedade contemporânea, através das artes cênicas, em torno do desejo de se produzir teatro a partir de encenar e dramatizar a experiência comum e intransferível de ser negro no Brasil, promovendo assim aberturas para construção de vários discursos sobre a condição do negro”

Já outros projetos, embora se declarem claramente engajados na luta contra a discriminação racial, encaminham suas reivindicações na direção da construção de uma cidadania mais ampla, afirmando a expectativa de um processo de articulação e comunhão com outras formas de identificação. Essa parece ser, sem dúvida, a tendência predominante nos projetos na atualidade.

Do ponto de vista dessa concepção, a Cia Étnica de Dança, cujos bailarinos foram entrevistados nessa pesquisa, ocupa um lugar pioneiro. Criada pela atriz e coreógrafa Carmen Luz, há cerca de 15 anos, na favela do Andaraí, no Rio de Janeiro, a Cia. já se apresentou em diversos palcos da cidade e alcançou reconhecimento internacional. Ao definir sua proposta político-cultural, já no início de seu trabalho, Carmen Luz criticava o foco fechado na questão do negro, preferindo ampliá-lo para abranger tanto negros quanto aqueles que se sentem discriminados por pertencerem a grupos cuja experiência social e cultural não se enquadra nos modelos legitimados e valorizados na sociedade. Por isso, inclusive, decidiu denominar seu projeto de Cia Étnica, evitando o uso da palavra raça. Diz ela:

Para mim, a questão dos negros tem um grande problema porque tudo passa pelo caldeirão étnico, e não por uma pureza de uma África, que só está na nossa memória. A gente deve tomar conhecimento dela, mas eu vivo no mundo aqui e agora e o olhar deve ser contemporâneo.

De todo modo, não há como participar da Cia Étnica sem se deparar com o tema da diferença racial. O depoimento de um dos mais antigos integrantes da Cia, que atualmente, além de dançar, dá aulas de dança e desempenha funções de coordenação é significativo. Ele conta:

“Quando a Carmem falou da diáspora negra, eu procurei estudar um pouco mais, sentei com uns professores meus para falar - eu já estava entrando na faculdade. E em todos esses negócios de consciência negra eu estava dentro.

Mas como é que começou essa história de consciência negra? Foi aqui na Companhia?

Foi assim: depois que comecei a fazer teatro, as pessoas começaram a olhar a gente de uma outra maneira. Na maioria, éramos todos negros.

Por exemplo, a Jurema Batista, que é deputada hoje, era uma pessoa ferrenha, na época do movimento negro. Então, a gente começou a criar uma concepção política em torno disso.

Você acha que foi através dela que começou essa história de consciência negra?

Também porque ela me ajudou muito. Como eu estava passando essa dificuldade com minha família, na época... quando o curso não tinha coisa, eu limpava a sede e ela me dava um dinheiro.

E aí, vocês foram criando uma consciência política aqui dentro?

É, sobre a questão racial, sobre a questão de pobreza, da doença Então, a gente estava lá para falar sobre juventude e começou a ver o baile funk de uma outra maneira...

Chama a atenção o fato de que entrar para a Cia Etnica é que transformou a questão racial num tema de reflexão e num elemento de identidade. O bailarino a uma família que freqüentava o candomblé, mas não se pensava como negro e sim como membro daquela religião, sem fazer uma ligação necessária entre esses dois aspectos. Aliás, o candomblé era a religião de uma parte da sua família, na qual há também evangélicos e católicos. Sendo que essas identidades religiosas também podem ser transitórias: algumas de suas tias, que já haviam sido mães de santo, acabaram, por algumas circunstâncias, se convertendo ao budismo. Uma vez na Cia Etnica, no entanto, ele passa a ser visto como negro e se solicita que desempenhe esse papel, seja como artista (convidado para dançar afro) seja como detentor de uma consciência política..

Isto não significa, no entanto, que ele privilegie sempre a cor como elemento central e todo abrangente de sua identidade. Curiosamente, quando indagado sobre seu visual – Fabinho varia muito o estilo do cabelo e, recentemente, tem usado *dread locks* e barba cortada em estilo afro – não o associa (nem mesmo quando se lhe sugere essa hipótese) a uma estética negra e sim ao seu gosto por um estilo moderno. Explica que sua mãe é cabeleireira, gosta de fazer experiências com penteados. E completa sua explicação dizendo ter sido

influenciado por grupos de dança contemporânea – sem nenhuma característica étnica ou racial - cujos bailarinos adotavam um estilo mais arrojado, diferente dos padrões. Uma coisa parece evidente: no campo da dança – e talvez essa seja uma característica do universo das manifestações culturais de um modo geral – possuir ou adotar um padrão estático diferenciado pode ser um valor altamente positivo. Inclusive quando está associada a características étnicas e/ou raciais. Assumir uma estética afro – ou negra -, portanto, pode ser, nesses casos, uma estratégia de valorização da si. Embora não necessariamente a mais eficaz nem a única possível.

A fala de outra jovem bailarina entrevistada, também há muitos anos na Cia, narra que, embora já houvesse sofrido preconceito antes de ingressar no projeto, ainda não tinha, na época, uma “consciência” do sentido do preconceito nem como enfrentá-lo:

Olha só, deixa eu te falar uma coisa: tenho para mim que quando a pessoa não tem consciência e vai em certos lugares que a pessoa de repente até te olha, você acha que já está sendo vista com preconceito e se retrai, acho que é pior. .. Então, antigamente eu tinha um problema, mas aqui na Companhia a gente não só aprende a dançar, não, a gente aprende várias questões, por exemplo, que podem até abalar a gente na questão do preconceito, essas coisas todas... até para a gente ter dignidade, não é? Uma coisa que de repente não ia ter, porque a televisão ensina o contrário.

234

O depoimento de ainda outra bailarina confirma o papel da Cia Étnica como instauradora de um discurso sobre a diferença racial. Só que, dessa vez, a percepção da diferença não lhe chega nem através da política, nem da religião, e sim da dança afro:

Antes de entrar para a Companhia Étnica, você se preocupava com a discriminação racial?

Não, não. Nem um pouco, nem um pouco. Para mim era tudo despercebido: toda questão da dança afro, a questão racial, a questão da valorização de eu ser mulher, sendo negra.

E hoje?

Hoje não é, assim, uma preocupação. É que antes passava realmente despercebido. Agora é mesmo uma questão de se impor.

E a dança afro? Você já se interessava por ela?

Num projeto de que participei antes, na associação de moradores, tinha dança afro. Mas para conhecer mesmo, a fundo, o que é a dança afro, foi tudo na Companhia, com os professores de lá. É uma dança negra que a gente tem que valorizar. Mostrar que ela

pode entrar num trabalho de dança contemporânea, ser a base desse trabalho, sem problema nenhum. Aí vem as questões também da história, do que é a dança afro, de onde ela veio.

Mas essa percepção positiva e valorizada não exclui o outro lado, o da discriminação. Que, mesmo não fazendo parte de sua memória pessoal, agora se faz presente na sua consciência, parte de sua condição de negra:

E você já sofreu algum caso de preconceito?

Não, nunca passei por nenhum caso.

Mas eu tenho uma consciência. Nunca passei pelo que a gente vê hoje em dia, mas essa é uma coisa muito esclarecida na minha vida. Você tem que ter a consciência de que não pode se deixar diminuir, de que tem que saber se impor na sociedade. Eu sou uma mulher, sou negra, e tenho que lutar pelas coisas que eu quero. Mas eu não vou ficar com isso na minha cabeça “Porque eu sou negra, só vou fazer isso porque eu sou negra”. Não! Sou uma pessoa extremamente normal, que vou lutar, que não vou me deixar ser diminuída se eu quiser ir a algum lugar. [Mas] eu acho que as pessoas confundem muito ao levar muito para esse lado a questão racial, quando ficam muito radicais. Acho que não deve ser assim. Acho que tem que se misturar mesmo.

Seu pai e sua mãe são negros?

São. Os dois. E minha família toda

Nas suas interações na Cia Étnica, os jovens aprendem não só a reagir diante do preconceito como também a identificar os momentos em que se manifesta no outro. Uma das jovens entrevistadas narra que, embora, antes de ingressar no projeto, já houvesse sofrido preconceito, na época, não possuía o que chama de “consciência” do preconceito e de como enfrentá-lo:

Olha só, deixa eu te falar uma coisa: tenho para mim que quando a pessoa não tem consciência e vai em certos lugares que a pessoa de repente até te olha, você acha que já está sendo vista com preconceito e se retrai, o choque é pior. .. Então, antigamente eu tinha um problema, mas aqui na Companhia a gente não só aprende a dançar, não, a gente aprende várias questões, por exemplo, que podem até abalar a gente na questão do preconceito, essas coisas todas... até para a gente ter dignidade, não é? Uma coisa que de repente não ia ter, porque a televisão ensina o contrário. É... Assim, não é uma preocupação, mais uma questão de imposição. Porque antes passava realmente despercebido. Agora é mesmo uma questão de se impor.

Se a entrada na Cia muda a percepção do presente, muda também a do passado, os acontecimentos rememorados mudam de sentido, passam a ser relacionados com a diferença de cor e o preconceito que ela desperta. Aliás, o passado individual, ou familiar ganha uma nova profundidade, passa a incorporar

um outro passado, ancestral, do “povo negro”. As coreografias de Carmen Luz trazem elementos desse passado, como as matriarcas, de forma muito presente e enfático.

No entanto, esse aprendizado de uma identidade negra vem acompanhado de uma discurso que aparentemente o contradiz. A pedagogia de Carmen é contrária a uma noção de identidade definida por fronteiras estabelecidas. Diz ela:

Sempre falo uma coisa que aprendi, eu acho que com a Lélia Gonzalez , que foi uma das minhas mestras: a questão de que o problema não era o Movimento Negro, mas que os negros deveriam estar em movimento. Para mim, a questão dos negros tem um grande problema porque tudo passa pelo caldeirão étnico, e não por uma pureza de uma África, que só está na nossa memória. A gente deve tomar conhecimento dela, mas eu vivo no mundo aqui e agora e o olhar deve ser contemporâneo. Não ter resgate, mas um conhecimento muito específico desse passado e com muita atenção para que se possa ter identidade.

OS JOVENS INGRESSOS na Universidade

As iniciativas não-governamentais que surgem no Brasil na década de 90 reivindicam o caráter de “ação afirmativa” para seus projetos. É o caso dos cursos de pré-vestibular para “negros e carentes” (PVNC, como eles próprios nomearam) ou comunitários espalhados em diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense. É relevante assinalar que novos grupos de pré-vestibular surgiram em decorrência do ingresso de ex-alunos nas universidades, os quais, como na PUC do Rio de Janeiro, continuam a manter uma dinâmica enquanto grupo. Há ainda o estímulo a um compromisso de retorno aos cursos, por parte dos que garantem uma vaga no terceiro grau, e que retornam ao pré-vestibular como professores.

Na pesquisa com jovens universitários (da PUC Rio, da UERJ e da UFRJ), o objetivo principal foi descrever e analisar, as diversas maneiras com que esses estudantes interpretam o seu dia a dia de estudantes universitários, as dificuldades que atravessam para acompanhar os cursos, tanto financeiras quanto a respeito do relacionamento que mantêm com seus professores e com os outros estudantes. Foram analisadas, principalmente, as interpretações desses estudantes a respeito dos conflitos raciais e étnicos que resultam do relacionamento entre os estudantes apoiados por esses programas e os estudantes de classe média e alta no contexto

do dia-a-dia das universidades públicas e privadas. Fazendo uso do método qualitativo de pesquisa, entrevistamos e observamos os estudantes universitários através de suas histórias de vida, a passagem pelos pré-vestibulares comunitários, a inserção em movimentos negros e outros movimentos sociais. Focalizamos principalmente o dia-a-dia desses estudantes dentro das universidades e as relações que mantêm com os professores e demais estudantes.

Algumas questões surgiram a partir dos questionários, das entrevistas e das observações junto aos estudantes pesquisados. Um ponto fundamental, quando falamos do lugar desses alunos nas universidades, é a importância do papel exercido pela universidade na constituição de novas subjetividades³, ou novas formas de auto-consciência, para esses jovens. Esses estudantes são os primeiros de suas famílias a frequentarem um curso superior e a maior parte dos pais dos universitários não tem sequer o primeiro grau completo. Partindo daí podemos perceber, através das histórias de vida dos alunos, pontos recorrentes que aparecem em todas as entrevistas.

Uma dessas questões é a da aceitação, que não é apenas uma discussão sobre a diferença social e cultural entre grupos que se opõem, mas, principalmente, uma discussão a respeito de identidades que estão sendo criadas nesse novo contexto. O contexto das universidades, novo para qualquer estudante iniciante, é particularmente contrastivo em relação ao mundo desses alunos que vieram de pré-vestibulares comunitários. Segundo uma aluna de pedagogia da PUC e ex aluna do PVNC, hoje coordenadora de um pré vestibular comunitário na Baixada Fluminense, as diferenças entre esses dois grupos de alunos é muito grande e o papel do pré-vestibular vai além da educação formal, ele pode ajudar em muito a esses estudantes. Segundo ela:

“Outro dia teve a história de uma menina que comprou um celular de brincadeira para botar no bolso e sair.. Porque todo mundo tem. Todo mundo tem..... mas o dela era de brinquedo, não era de verdade não. Ela usava como se fosse de verdade, para ser aceita pelos outros estudantes. Por que o que as pessoas vão dizer? São aceitas pelo que têm, né?Ela queria ser igual.”

E disse também a respeito do papel formador do pré- vestibular comunitário:

³ Estamos usando a noção de subjetividade aqui enquanto processos sociais e culturais de elaboração de uma autoconsciência individual e coletiva.

“...como uma pessoa carente, eu acho que isso faz com que as próprias pessoas não a respeitem nesse sentido. E aí eu acho que o papel fundamental do pré, não é só colocar na universidade, eu acho que você tem que estar formando uma pessoa para ingressar na faculdade para ela cumprir o papel que ela tem lá dentro”.

Segundo esta entrevistada este caso traduz as aflições e os desentendimentos que as diferenças sociais e culturais podem trazer às pessoas quando interagindo nesse novo contexto. Segundo a entrevistada, a outra estudante só queria ser aceita pelos alunos da PUC e, para tanto, tinha que ser “uma igual”:

“Ela achava que para ser aceita precisava ter um celular. Ela ia pro ponto de carona que só ia para Ipanema (ela mora na Baixada Fluminense)... Não sei o que ela ia fazer lá,... ai a gente sentou e conversou. Até que eu disse para ela se ela quiser continuar nisso (nessa faculdade), vai ter que fazer isso consciente. Não vá se deixar envolver pelo sistema, pelo lugar onde está. Porque quando pinta um lance desses a pessoa não está se aceitando; tipo tadinha de mim que sou pobre, que moro lá em São João de Meriti”. E um dos papéis é estar se assumindo como negro, e estar propagando mesmo eu sou negro, eu tenho.....esse espaço é meu; eu também sou tão capaz quanto você. ... Porque num primeiro momento, quando você não se assume, as pessoas também não te respeitam. Eu acho que você tem que estar se assumindo. Principalmente na faculdade que também é um campo político. Eu acho que a faculdade sim exige que as pessoas se posicionem, se mostrem. Eu acho que tem que chegar lá com essa concepção. Se não chegar realmente, vai encontrar dificuldade”.

238

Uma das questões que nos chama a atenção, a partir dessas narrativas, é a estreita relação entre “identidade e reconhecimento” (Taylor,C.1994). A identidade de uma pessoa depende das relações dialógicas que esta mantém com as outras pessoas, tanto no trabalho, quanto nas universidades e assim por diante. Segundo Taylor, o discurso do reconhecimento aparece em dois níveis. Primeiramente na esfera íntima, individual, que se entende pela formação da identidade, na qual o *self* ou o eu da pessoa está sendo criado num diálogo contínuo com os outros. Em segundo lugar, o discurso do reconhecimento aparece na esfera pública, onde a política de reconhecimento de igualdades, ou políticas de ação afirmativa (principalmente nos Estados Unidos ou através dos movimentos sociais e principalmente dos movimentos negros e movimentos religiosos no Brasil) tem desempenhado um papel significativo. Assim, o reconhecimento e a minha própria identidade dependem em última instância das relações que se mantêm com os outros.

Dessa forma, a criação dessa nova identidade está sendo proporcionada a partir das relações que esses alunos mantêm com outros estudantes e professores, no contexto acadêmico. No entanto, podemos sugerir que a essas novas

subjetividades já estão sendo formadas anteriormente à entrada desses estudantes no curso universitário. Já nos cursos de pré-vestibular para Negros e Carentes. Por exemplo, na cadeira de cidadania e cultura debate-se tanto a questão das diferenças sociais, econômicas e culturais no Brasil quanto a importância da criação de uma nova identidade entre esses estudantes “negros e carentes”. Os alunos dos pré-vestibulares comunitários que vão para uma universidade pública de prestígio ou para uma universidade particular, de classe média alta da Zona Sul carioca têm que lidar não apenas com a diferença do nível de escolaridade em relação aos outros estudantes, mas também com a diferença social e cultural. Quase todos os estudantes entrevistados vêm de bairros da Baixada Fluminense ou da Zona Oeste da cidade e entraram em contato com o pré-vestibular comunitário através de amigos ou colegas do bairro.

Uma de nossas entrevistadas, coordenadora do PVNC do Anil, Zona Oeste do Rio de Janeiro fala sobre a importância do curso de cultura e cidadania. Segundo esta entrevistada:

A gente não faz nenhum trabalho com turma, nem outro tipo de trabalho, sem estar vinculado a formação de cidadania, ao interesse de ampliar esse horizonte, e não só o objetivo e a única meta de aprovar aluno na Universidade. Essa não é a nossa meta principal, essa é a consequência. Então eu trabalho nessa área: cultura e cidadania”. (...) A gente trabalha com um programa definido, com a equipe de professores que é da cultura e cidadania (...) Então a gente vai trazendo temas pra debates, trazendo as atualidades, as últimas reportagens, pede pra turma também trazer, trabalhar com isso, e uma ou outra vez a gente convida especialistas nessa ou naquela área pra vir trazer alguma proposta ou algum conteúdo de debate ou discussão que seja interessante. Inclusive, as vezes, já trouxemos em outras ocasiões o Teatro do Oprimido pra vir fazer uma apresentação sobre determinado tema que nos interessa, então isso daí é assim bem flexível. Mas a gente não trabalha só para organizar palestrantes, embora a gente convide palestrantes, mas que se inclua no nosso programa. A gente tem professores que trabalham com o tema, com cultura e cidadania”.

Boa parte desses jovens tem um contato muito próximo com movimentos sociais, principalmente com os chamados “movimentos religiosos”. Além da Pastoral Negra da Igreja Católica, outros grupos religiosos católicos ou protestantes (como batistas, metodistas e pentecostais) participem tanto do movimento do PVNC, enquanto professores e mesmo coordenadores de curso, quanto de outros pré-vestibulares comunitários. Contamos com entrevistados que integram ou integraram tanto a Pastoral da Juventude ligada à Igreja Católica (hoje mais ligada a movimentos carismáticos) quanto de movimentos religiosos protestantes (como da Igreja Batista, Igreja Metodista e Assémbleia de Deus)

Alguns entrevistados falam da importância da igreja e principalmente das pastorais de juventude, da pastoral do negro e de setores das igrejas protestantes e evangélicas, onde a discussão da cidadania e da identidade é tema recorrente.

Muitas igrejas protestantes ou católicas cedem seu espaço aos sábados como sala de aula. É o caso da Igreja Metodista de São João de Meriti que visitamos. A relação que eles mantêm com o curso, segundo o coordenador do curso de pré-vestibular que acontece nesta igreja, é apenas formal. No entanto, esses coordenadores são evangélicos e um deles já foi inclusive membro desta igreja. Segundo este coordenador, a escolha desta igreja para realizar o curso de pré-vestibular foi :

... porque eu já fiz parte da convenção da Igreja Metodista Eu era membro daqui. Moramos, perto daqui.... A Igreja é uma igreja missionária a serviço do povo” (...) “Esse é o lema da Igreja Metodista.

Segundo o coordenador, esta igreja tem autonomia de ceder espaço e não precisa de autorização de outros setores da igreja. Num outro depoimento, uma universitária fala sobre o local onde funciona o pré- vestibular que ela cursou :

...funciona numa igreja, num espaço da casa paroquial. É uma varanda da casa do padre. E muitas pessoas do pré são da igreja. Pessoas até que participam de algum culto e tudo mais. São poucas as pessoas que freqüentam outras religiões e tem uns que não freqüentam nenhuma. E o envolvimento da gente de lá ... praticamente a gente só ocupa o espaço, mas o padre também se identifica com a causa do pré- vestibular e tudo mais ... e sempre que tem alguma atividade procura convidar a gente”.

240

A criação de identidades vem relacionada também, no contexto das universidades, à questão do mérito próprio ou individual. Segundo uma aluna da PUC e coordenadora de um dos pré-vestibulares na Baixada Fluminense, a questão do mérito é muito importante quando você está na universidade. Mesmo que você participe como professor ou coordenador de um pré comunitário, a relação mais importante do momento, para este estudante, é a relação com a universidade e com o curso que está fazendo. Esta estudante afirma que muitos ex-alunos dos pré-vestibulares têm que escolher entre ir a um encontro ou manifestação dos ex-alunos do PVNC ou estudar para uma aula ou para uma prova:

O pessoal tá mais preocupado em estudar. Quero estudar, tenho que correr atrás de nota”. E tem também a questão da bolsa de estudos, no caso dos alunos da PUC: “Eles pedem seis, agora é seis, o CR. Agora, é difícil tirar uma nota boa. É preciso estudar. Agora eu acho que a gente tem que se organizar ao máximo. Não dá pra só ficar

correndo atrás de nota. Existe uma representação minha lá do pré de onde eu vim. Então eu tenho que estar lá, entendeu?”.

A questão do mérito é bastante complexa e não se restringe a uma única forma de avaliação. Ela faz parte do dia-a-dia dos estudantes universitários onde os seus desempenhos vão ser avaliados segundo as regras acadêmicas. Os estudantes entrevistados fazem questão de se colocarem ao lado da excelência educacional e, assim sendo, a criação de uma nova identidade passa necessariamente pela questão do mérito. Uma ex aluna do PVNC formada em Letras pela PUC diz, por exemplo, que as notas alcançadas por ela e por outros alunos, principalmente dos alunos de Serviço Social que também foram do pré - vestibular comunitário, eram maiores que as notas dos alunos regulares da PUC:

E depois com o tempo eles fizeram até uma pesquisa e constataram que não só no serviço social, mas, assim ... a média no total dos alunos que... vieram do pré-vestibular é superior a dos alunos da PUC.”

A adaptação à universidade é complicada na medida em que esses alunos muitas vezes sentem-se prejudicados porque não tiveram uma boa educação fundamental nem colegial. No entanto, já dentro das universidades eles trabalham muito para acompanhar os cursos e tirarem boas notas. No entanto, muitos largam e desistem dos cursos. Mas a fase de adaptação também encontra, além de problemas de ensino propriamente dito, alguns problemas sociais, culturais e econômicos que esses alunos têm que resolver. Segundo uma entrevistada e ex aluna da PUC:

Não, não tive dificuldade assim. de me adaptar. As pessoas ...até porque o número não era tão evidente de pessoas que vinham do pré-vestibular, eram quatro pessoas, num curso ou em outro, então não era tão evidente que a gente vinha de um pré-vestibular. Quer dizer, a princípio as pessoas tratavam a gente como se fosse também rico, como se a gente tivesse carro, como se a gente fosse do mesmo nível social que eles. Depois justamente teve uma apresentação, um seminário que a gente apresentou o pré, falou sobre o pré” (...)” A partir do ano de 95, que entraram mais pessoas, aí sim, aí começou. Em Letras foi muito mais difícil acontecer porque eram duas pessoas ainda, mas aí a partir de 95 passaram mais para o curso de serviço social, a turma toda era do pré, aí eles tinham um certo preconceito sim, tinham um elevador que eles não andavam, só deixavam para o pessoal do serviço social andar e aí falavam : Ah! você é do serviço social , né?!!! Olhavam mesmo pela ... pela cor, pela pigmentação”.

A questão do mérito, no que diz respeito ao esforço que este estudante faz para seguir o curso universitário, conseguir boas notas e não desistir, está ligada ao ponto que anteriormente coloquei a respeito da criação de diferentes

identidades. Se de um lado esses estudantes têm que lidar com uma realidade social, familiar e cultural que não facilita essa opção de vida, por outro lado outros esforços se fazem para continuarem seus estudos. De acordo com uma aluna de Pedagogia da PUC:

A forma com que você vê o mundo é diferente também... quando eu cheguei lá levei um choque” (...) “Uma coisa é você viver no seu mundinho, no seu espaço nas suas condições. Outra coisa é quando você se depara com uma outra realidade, com uma outra situação, e você fica se questionando o porque dessa diferença tão acentuada e se..... intelectualmente a gente tem as mesmas condições, porque assim como eles fizeram pré-vestibular, eu concorri com um deles...”

Se, por um lado, o pré-vestibular comunitário enfatiza o entendimento da cidadania, o reconhecimento dos direitos dos cidadãos de todas as cores e classes, e principalmente a descoberta de que ser negro e pobre no Brasil não é um impedimento para a educação; por outro lado, a universidade, ao incorporar o aluno, enfatiza o mérito individual, a qualidade dos desempenhos individuais. No entanto, é nesse campo de tensões que vêm a ser geradas novas subjetividades (novas concepções de self) fundadas nas experiências sociais e culturais dos alunos. Uma das entrevistadas, aluna de Serviço Social da PUC afirma:

Mas eu acho que o fundamental da cultura é voce saber se colocar dentro da Universidade com a tua diferença. Porque todo mundo critica um pouco o diferente. O muito magro, o muito gordo, o muito negro, o muito branco, o ruivo, o muito alto. ‘Você foi diferente... É, existe um padrão de beleza, né. Você saiu daquilo, pra qualquer lado que você foi....as pessoas riem, encarnam. Então você tem que saber o que você faz com esse diferente. A gente reflete muito isso. Auto-estima aqui, a gente trabalha muito”

Se no contexto dos pré-vestibulares comunitários se enfatiza a “comunidade” (quando dizem, por exemplo, que é lá que você aprende a ser negro ou negra); no contexto da universidade, ao contrário, ele ou ela é solicitado a reconstruir sua concepção de self a partir da re-elaboração de sua experiência. Segundo outro entrevistado:

Fazer pré e estudar na universidade é o coletivo e é também individual porque o sonho é meu, que não é o sonho do cara porque o cara não sonha coletivo, então o cara não vem, ele tem que vir por ele, tem que se pensar coisa que façam que ele venha, por ele, que ele pense que fazendo o coletivo, é melhor, ele pode ter um série de vantagens fazendo coisas coletivas do que individualmente, é muito mais facil mesmo dentro da universidade, é muito mais facil”.

Partimos assim do pressuposto de que a noção de ação afirmativa é algo reinterpretado contextualmente e utilizado por diversos agentes sociais. Grupos religiosos fazem uso dessa categoria para um programa de ação a favor de grupos sociais menos favorecidos. E é nesse âmbito que aparece a questão da “raça” ou de “relações raciais”. O Estado também se utiliza desta categoria para apontar os “caminhos da democratização” da sociedade brasileira. Os movimentos sociais, principalmente os movimentos negros, também debatem esta questão e decidem de que maneira ela pode ser útil ou não para enfrentar os problemas dos negros no Brasil.

O JOGO DAS IDENTIDADES: a raça no contexto

Em *Identidades culturais na pós-modernidade*, Stuart Hall considera que o sujeito da pós-modernidade é aquele que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente”. Para esse sujeito, define a identidade como uma ““celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeia.” (HALL, 1997:13).

243

Esse jogo de articulações estratégicas em função de condições conjunturais, descrito por Hall parece descrever, de forma bastante pertinente, o modo como os jovens entrevistados lidam com o tema da diferença racial na construção de suas identidades. Vivendo num universo urbano marcado pelas diferenças sociais e pela heterogeneidade cultural, a percepção da diferença racial é um entre vários elementos de que lançam mão, com maior ou menor ênfase, na elaboração de sua auto-imagem ao interagirem em diferentes contextos: a família, a vizinhança, a igreja, as relações de amizade, ou ainda, no caso que nos interessa aqui, a universidade e os projetos culturais. Num estudo mais aprofundado seria importante, inclusive, considerar também sua relação com o universo dos meios de comunicação: jornais, programas de televisão, de rádio, cinema, música, dança, teatro, e, atualmente, de forma cada vez mais importante, as informações que circulam nas redes eletrônicas.

Nos casos específicos aqui abordados, tanto a entrada na Companhia Étnica de Dança quanto o ingresso na universidade, ao mesmo em que abrem novas alternativas de interações para os jovens, os colocam diante de situações bastante contraditórias. Para muitos deles essa é a primeira vez em que se vêem diante da

imposição de incorporarem o elemento “raça”, de forma mais sistemática e explícita. Ora, essa incorporação apresenta perdas e ganhos. Ganhos, certamente, porque se encontram em contextos onde a “raça” é positivamente valorizada. Mas perdas também, sem dúvida, na medida em que esse contexto não anula – pelo contrário – até, muitas vezes, exacerba, os preconceitos existentes na sociedade mais abrangente

Nesse ambiente permeado de contradições, os jovens constroem suas identidades raciais articulando e rearticulando diferentes elementos, sem ficarem necessariamente presos a uma idéia essencialista. Na medida em que sociedade contemporânea lhes oferece múltiplas alternativas de identificação além da raça – classe, gênero, religião, estilos de vida, de comportamento, etc - eles irão acionar uma ou outra, num processo dinâmico de redefinição de suas concepções a respeito de si mesmos e de suas relações com o universo social em que transitam.

BIBLIOGRAFIA

CONTINS, Marcia. *Objetivos e estratégias da ação afirmativa: uma bibliografia*. BIB. Rio de Janeiro, v.57. p. 91-10, 2004.

_____. Estratégias de combate à discriminação racial no contexto da educação universitária. In Angela R. Paiva (org) *Ação Afirmativa na Universidade: reflexão sobre experiências concretas Brasil/Estados Unidos*. Rio de Janeiro: PUC, Desiderata, 2004. p 109-148.

_____. & Sant’Ana, L.C. “O movimento negro e a questão da ação afirmativa”. In *Revista Estudos Feministas*, v. 4, n.1. p-209-220. Rio de Janeiro, 1996

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. *Da diáspora: identidades e media*. Sovik, Liv (org). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto quanto branco: estudo das relações raciais*. São Paulo: TA. Queiroz, 1985.

MAGGIE, Yvonne & REZENDE, Claudia Barcelos (orgs). *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

STROZENBERG, Ilana. “O apelo da cor: percepções dos consumidores sobre as imagens da diferença racial na propaganda brasileira”. In *Comunicação, mídia e consumo*. Vol.2, n.4. São Paulo: ESPM, 2005. p 199-222.

_____. “A relevância de uma pergunta inaugural”. In *Revista Estudos Feministas*, v. 4, n.1. Rio de Janeiro, 1996

TAYLOR, Charles. The politics of recognitions. In: *Multiculturalism: examining the politics of recognitions*. Princeton, Princeton University Press, 1994, pp.25-73.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura, notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia as sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.